Ipoti

AMIGOS NA VILA

Karime Ribeiro

Coordenação Editorial Artística: Papiõn Cristiane Santos
Coordenação Editorial Executiva: Karime de Souza Ribeiro - proponente do projeto "Ipoti –Amigos na Vila", no Edital 005/2021 da Secretaria de Cultura e Turismo do Município de Vinhedo para seleção de obras literárias para o incentivo à produção e difusão da produção de autores residentes no município de Vinhedo.
Revisão: Tatiana Rezende Rocha
Ilustrações: Mel Franco Correa
Formatação e Diagramação: Rogério Moreira Benevides

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ribeiro, Karime
Ipoti : amigos na vila / Karime Ribeiro. --
Poços de Caldas, MG : FT Edições Literárias, 2022.

ISBN 978-65-997382-0-3

1. Contos - Literatura infantojuvenil I. Título.

22-103895 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura infantojuvenil 028.5

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Copyright © 2022 – Karime Ribeiro

Todos os direitos desta edição reservados.

É vedada a reprodução total ou parcial em qualquer mídia sem a autorização por escrito da autora. Os infratores estarão sujeitos às penalidades legais. As opiniões emitidas pela publicação não necessariamente representam a opinião da editora.

Impresso no Brasil – 2022

A Prefeitura de Vinhedo faz saber que o presente trabalho foi contemplado pelo Edital de Seleção de Obras Literárias 005/2021, aprovado por parecerista contratado mediante Edital de Chamamento 003/2020.
Portanto, todas as partes do processo foram executados transparentemente e conforme a lei, levando em consideração aspectos técnicos e de relevância histórica e cultural conforme projeto apresentado e avaliação do profissional contratado para este fim.
Assim, além de transparente e preocupada com a legitimidade de suas ações, a Prefeitura de Vinhedo faz cumprir o direito de liberdade de expressão, conforme manda a Constituição Federal:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:
…
IV - é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato;
…
XIII - é livre o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, atendidas as qualificações profissionais que a lei estabelecer;

Art. 220. A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição.
...
§ 2º É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística.
...

Com isso, a Prefeitura de Vinhedo esclarece que toda e qualquer opinião apresentada é de inteira responsabilidade de seus idealizadores e realizadores.

Agradecimentos

Para começar quero agradecer ao meu pai, Ronaldo Ribeiro. Porque não há distância física, por maior que seja o tempo que estamos separados aqui nessa Terra, que me faça esquecer seus ensinamentos sobre a importância do respeito que devemos ter com a natureza. Agradeço a minha mãe, Ana Maria Ribeiro. Por me ensinar o quanto o amor é um elemento forte e poderoso. Ao meu filho Talles Ribeiro e a minha filha Maria Luna Ribeiro por me mostrarem todos os dias que humildade é sobre reconhecer os erros, encarar as vergonhas que esses erros nos causam e seguir em frente nesse eterno aprendizado sobre a vida. Agradeço a Thais Brait por ter me colocado em contato com a Papiõn Cristiane, que fez a coordenação editorial artística desse projeto. E quero fazer um agradecimento especial para a Cristiane por ter acolhido de uma forma tão amorosa meu contato. Ter ela no projeto fez toda a diferença para que fosse de fato respeitoso e condizente com a relevância apontada no edital.

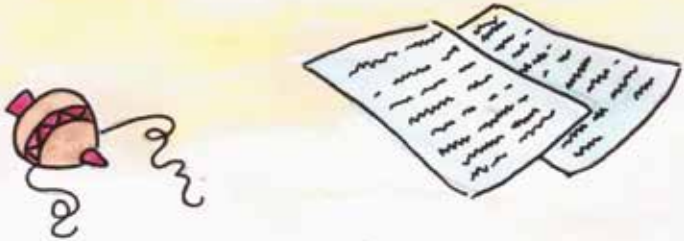
> *"Incentivar a leitura e o interesse pela história da região de maneira lúdica. Desmistificar os estereótipos indígenas e contribuir com a luta pelo respeito aos povos originários de toda terra do Brasil."*

A Mariana Schiezaro, que me ajudou na parte burocrática, porque eu nunca tinha submetido um projeto em edital. Sem ela, talvez, eu não teria conseguido fazer tudo a tempo. A Carol Bampa que contribuiu no primeiro livro e que este é sua continuação, com uma pesquisa etnológica verificando que um povo do alto Xingu, os Kamayurá, possui semelhança com o enredo do conto Ipoti – Amigos na Mata. Ocasião em que, graças a sua pesquisa, chegamos ao nome da personagem Ipoti e da cobra Moin, que vem da língua Tupi Guarani e significa Flor e Cobra, respectivamente. E que Juá, nome dado à mãe de Ipoti sem pesquisa, apenas por intuição da autora, também vem do Tupi Guarani e significa fruta amarela, fruta que cura. Agradeço aos meus amigos e amigas, que me apoiam e me incentivam a seguir com meu sonho de publicar meus escritos e acreditar que a literatura é uma ferramenta de mudança para um mundo mais consciente e sintonizado com o amor e o respeito mútuo. Agradeço a Tatiana Rocha que tanto me ensina sobre o poder das ervas, da ancestralidade e o respeito às que vieram antes de nós. Tenho muito a agradecer e não vai caber, então agradeço a todos e todas que se envolveram nesse projeto. E por fim, agradeço a minha ancestralidade de fé.

Essa história começou há um tempo atrás, em um encontro inesperado entre duas crianças que adoravam brincar na mata. E com o passar dos tempos, essas crianças cresceram…

Ipoti e Alauá estão entrando na adolescência. A menina está perto de completar doze anos. Seu amigo de infância, Alauá, agora com treze, vive permanentemente na vila com sua tia Ianã, irmã de sua mãe, que faleceu tempos atrás.

Ipoti ainda mora na aldeia com sua mãe, Juá, e continua frequentando a escola na vila.



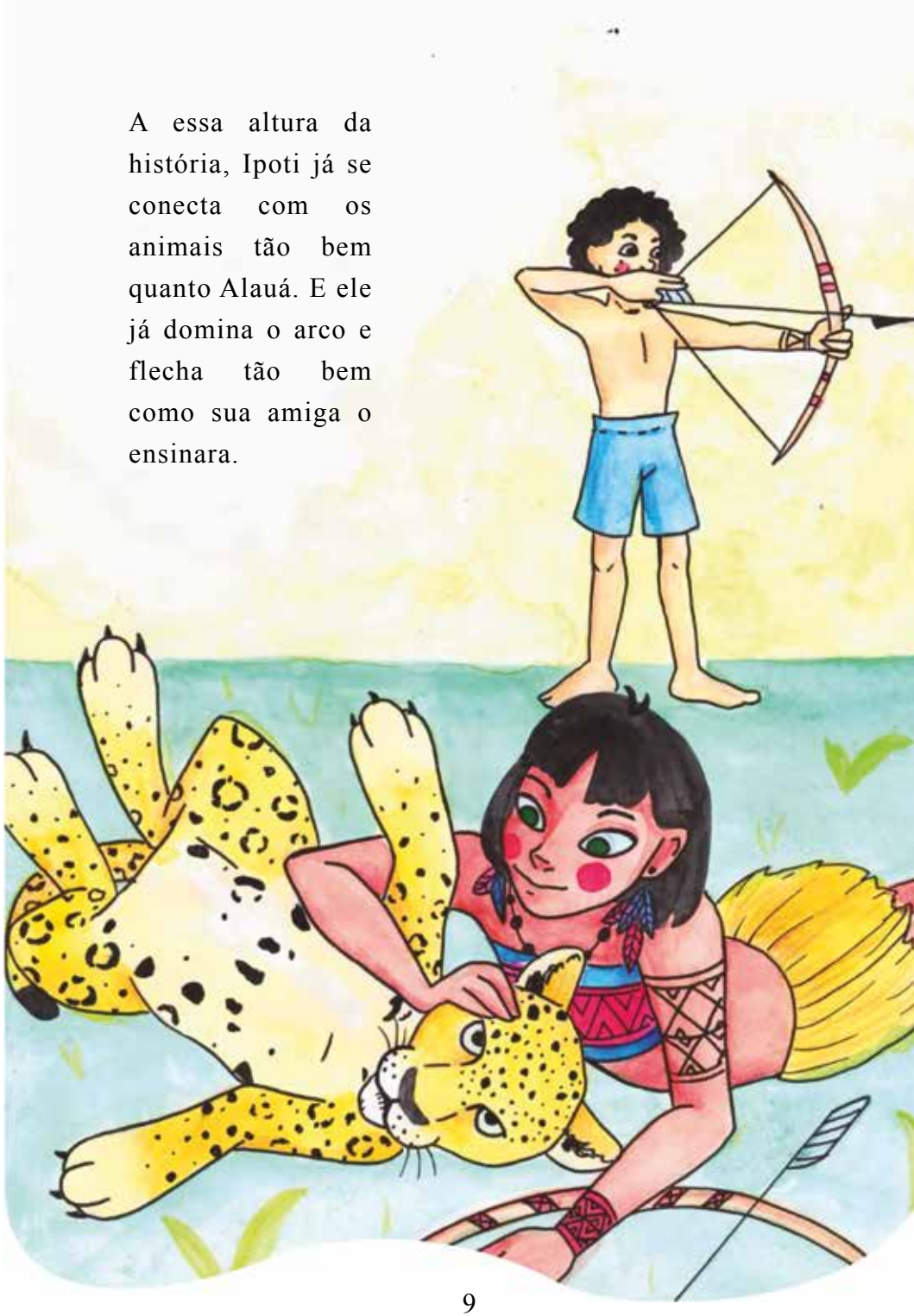
Entre as brincadeiras na mata e os momentos de descontração na Vila Patauã, Ipoti e Alauá dividem seu tempo entre se divertir e estudar. A vila fica próximo à aldeia da tribo Xauá. Depois que se conheceram na mata, Ipoti e Alauá se tornaram cada vez mais amigos. Passaram a estudar no mesmo horário na única escola da região, o que ajudou a fortalecer ainda mais essa amizade.

Desde o momento que levantam para ir para escola até a hora de voltar para casa, sempre usam o sol como relógio para se guiar.

Ambos sabem que devem estar, cada um em sua casa, antes do sol se pôr.

Quando o dia está muito nublado, se guiam pelas badaladas do relógio da pequena igrejinha que há na vila e, quando estão na mata, se orientam pela brisa do vento e o cair da luz natural do dia.

A essa altura da história, Ipoti já se conecta com os animais tão bem quanto Alauá. E ele já domina o arco e flecha tão bem como sua amiga o ensinara.



Quando estão na vila, Alauá e Ipoti trocam informações e conhecimento sobre as novas tecnologias, pesquisando sobre tudo o que está ao alcance dos dois.

O computador da biblioteca da escola é super disputado e a dupla se revezava para agendar horários na sequência para terem mais tempo conectados à internet.

Nos dias ensolarados aproveitam para ir à aldeia, aprender com os ancestrais da etnia Xauá sobre as ervas. Outra coisa que adoram é ouvir as histórias dos guardiões e protetores das matas e os mistérios dos elementos da natureza.

A duplinha tem uma sintonia muito forte! Com os conhecimentos climáticos que aprendem na aldeia, se dividem entre os dias de sol ao ar livre e os dias nublados, agendando horário no computador da biblioteca.

Gostam de ler sobre as estações do ano e aprender, na prática, com as anciães e anciões da aldeia a interpretar os sinais delicados que a natureza apresenta, vendo ao vivo as características de cada estação, e de como essas características tem mudado em consequência das ações humanas.

Com os mais velhos, entendem sobre a época para plantar, colher, semear, podar. Desenvolvem as habilidades de cultivo e aprendem sobre o respeito ao tempo e às coisas.

Olhar para o céu e “ler” as nuvens, sentir o vento e observar os movimentos das águas são as quatro coisas preferidas que Alauá gosta de fazer quando passa o dia na casa da Ipoti.

E, a todo o momento, a dupla exercita o respeito aos mais velhos e os ensinamentos sobre ouvir e silenciar.

Assim, apesar de tão jovens, adquirem cada vez mais a capacidade para ouvir o silêncio e perceber que nele há muitas respostas.

Nas rodas de conversas, em volta da fogueira, no preparo dos alimentos e em outras práticas cotidianas, os dois assimilam os saberes do povo indígena, entendendo que é um conhecimento para a vida toda.

Na prática, em dias nublados navegam na internet, baixam as fotos do celular tiradas nos dias de sol e pesquisam sobre plantas, ervas, árvores e bichos. Alauá adora contar para Juá as coisas que descobre na internet. Sempre que conta uma descoberta sobre uma erva, Juá lhe conta alguma história da mesma erva, que não se encontra na internet.

Ipoti gosta muito de pesquisar sobre projetos sustentáveis, casas ecológicas e acontecimentos diversos no Brasil e no mundo.

Um gosto em comum de Ipoti e Alauá é o de pesquisar sobre redes sociais e aplicativos. Dos mais diversos…

Ipoti também gosta de pesquisar sobre o funcionamento das tecnologias. Nos últimos tempos andava pesquisando sobre o funcionamento do wifi. Ela queria melhorar a conexão na aldeia, sem impactar de maneira nociva à natureza.

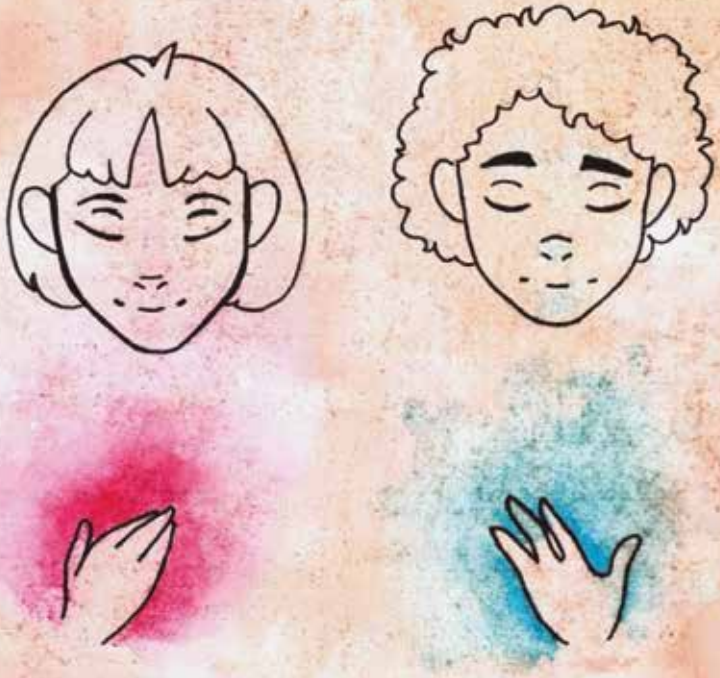
Atentos, Ipoti e Alauá perceberam que muitas mudanças estavam acontecendo no Brasil.

E que, apesar de morarem em um local afastado dos grandes centros urbanos do país, aquela vila e aquela aldeia tinham papel importante para o futuro.

O saber indígena os fazia perceber toda essa conexão, que nada tinha a ver com tecnologia e, sim, com ancestralidade.

Sabiam que o que acontecia em um lugar afetava os outros lugares, ainda que as pessoas desses outros lugares não tivessem se dado conta disso ainda.

A escola da vila só ia até o ensino fundamental II. E, apesar de serem muito jovens, sabiam que em breve teriam que tomar a decisão de sair dali para continuar os estudos. Ainda sem saber se um dia iam voltar.



A única certeza que tinham era que: sair dali fisicamente não significava que seus corações deixariam de pertencer aquele lugar.

Os dois sabiam que sair representava ajudar a preservar toda a história de um povo.

Entre uma pesquisa e outra sobre escolas e cidades para onde poderiam ir, Alauá decidiu procurar sobre a história dos povos originários do Brasil.

No fundo, já que teria que se mudar, queria que fosse para um lugar que tivesse uma aldeia próxima.

Alauá gostava muito dos costumes culturais da aldeia e não conseguia se imaginar sem, em um ambiente totalmente urbano. Sem roda de conversa na fogueira. Sem silêncios na hora de plantar.

Sem cânticos para agradecer. Sem rituais de banhos e bênçãos. Coisas que, de certa forma, faziam parte da sua vida com sua amiga Ipoti na aldeia.

Para sua surpresa, a pesquisa o levou até a cidade de Vinhedo, interior de São Paulo.

Encontrou informações que, apesar da proximidade com grandes centros como a capital paulista, Jundiaí e Campinas, era uma cidade que ainda tinha resquícios de Mata Atlântica.

Ao aprofundar sua pesquisa sobre a cidade interiorana, Alauá descobriu que no século XVII uma nação indígena habitava essa região.

O menino se animou e logo foi mostrar a descoberta para sua amiga. Juntos correram para a aldeia para perguntar aos anciãos e anciãs o que sabiam sobre essa nação.

No caminho, Alauá passou em casa para avisar sua tia, Ianã, que estava indo para a aldeia. Sem perceber, deixou cair parte de suas anotações.

Reconhecendo a curiosidade do menino, quando ele voltou, sua tia o chamou para conversar.

Foi então que Ianã revelou ao menino que quando sua mãe adoeceu, ela foi estudar “a cura do câncer através de ervas e plantas”.

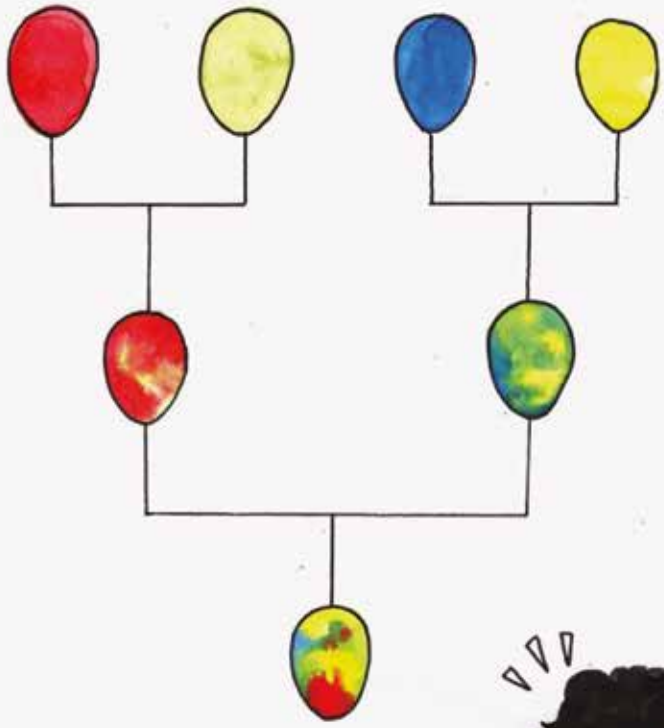
E descobriu que na família, em uma cronologia distante, ele tinha descendência indígena do grupo étnico Kaingang do século XVII, que habitava a região de Vinhedo, local que ele estava pesquisando.

O menino perguntou como ela descobriu isso e questionou porque ele não tinha características físicas como a de sua amiga.

A tia então explicou que nesse estudo que fez na UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, se deparou com os saberes indígenas das ervas, plantas e toda a conexão com a natureza, o que a levou a entrar no universo dos povos originários.

Nesse mergulho, na busca por conhecimento, ela conheceu uma historiadora que a fez chegar nessa informação da descendência da família.

Sobre a falta de características físicas, ela explicou ao sobrinho que essa descendência era distante e, talvez por isso, outras características de outros povos que chegaram ao Brasil com o passar dos séculos, podem ter prevalecido, devido à miscigenação.



Contudo, ela disse ao menino que apesar de toda essa distância e de não ter tantas características físicas, o tempo não apagou a essência que habita o coração de Alauá.

Que reconheceu, nas palavras da sua tia, mais uma lição sobre o tempo e a sintonia com a natureza.

Foto: Gustavo Schiezaro - Direção: Vinicius Schierazo

Karime Ribeiro – Pós-graduada em Comunicação Pública e Responsabilidade Social, em 2010 publicou seu 1º livro como coautora da obra "Sete Contos". Por 3 anos atuou como arte-educadora no Instituto Itacolomi. Em 2018 publicou o livro "Ipoti Amigos na Mata" no Festival Paisagens – Feira de Impressões. Jornalista, atualmente trabalha com produção de conteúdo para web, é cofundadora do podcast PODKH e faz freelancer com revisão de textos. Nas horas vagas escreve contos e poesias.

Papiõn Cristiane Santos – nascida no Oiapoque-Amapá, tem raiz indígena e africana. Reside no Rio de Janeiro e milita pelo direito dos povos originários. Rio +20, Jornada Mundial da Juventude, Festival Wow Mulheres do Mundo Todo, Expo Religião, entre outros, contaram com seu trabalho e representatividade. Mãe, artesã e pesquisadora indigenista pelo curso de extensão em direito indígena – PUCRJ é criadora do Sagrado Brasileiro – A vida nas aldeias e muito mais que não coube aqui…

Mel Correa – Entre 2012 e 2014 fez aulas de pintura e desenho livre. Em 2018, ilustrou o livro "Ipoti – Amigos na Mata". Trabalhou com telas em acrílico, retratos digitais, projeto de grafite – "Horta Cultural", pintura em parede e estampa de patch/adesivos. Atualmente, gerencia o perfil @estranho_mundodesenho e, aos 18 anos, se divide entre a faculdade de Arquitetura e Urbanismo na UNIFEOB e a arte de tatuar.

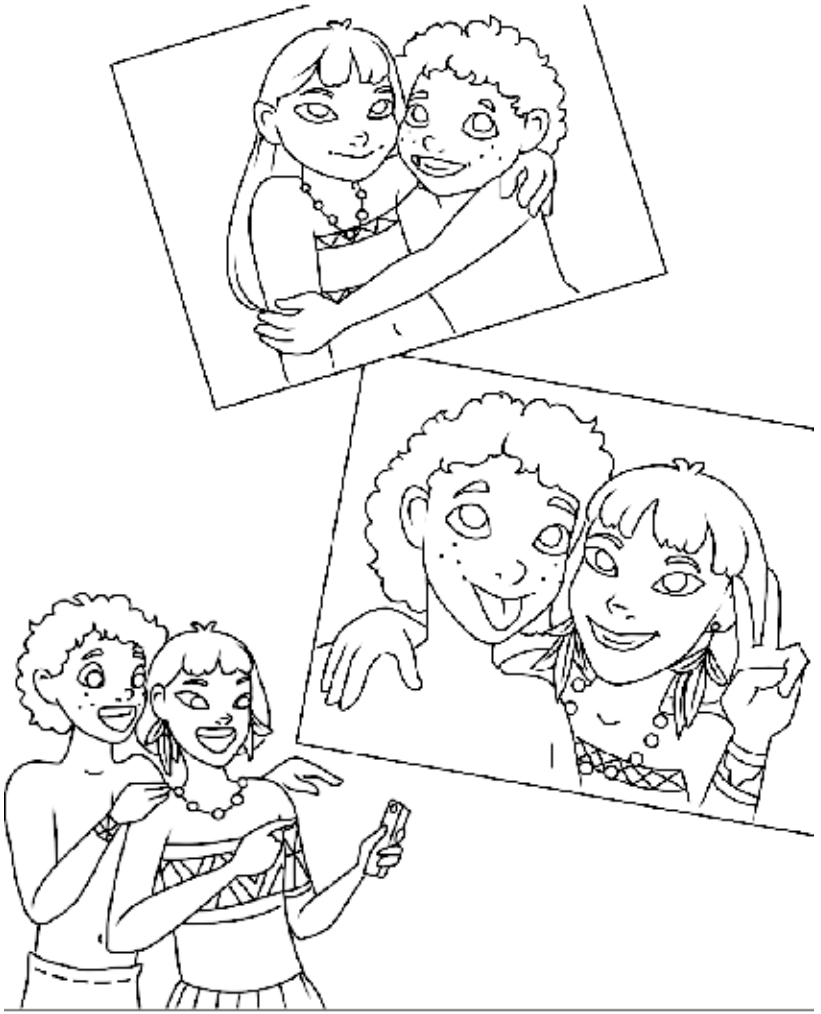
Tatiana Rocha – é musicista, compositora, cantora e escritora. Tem dez discos gravados e disponibilizados na internet. Em 2016 lançou a obra literária "Brigada de Oxalá" que vem acompanhada de um cd com a trilha musical do livro. Pesquisadora da cultura popular, mestra de Reiki, eterna aprendiz de erveira é criadora do grupo Samba de Yayá e dirigente do terreiro de umbanda Mãe de Deus em Campinas – SP.

Foto: Edivaldo Rodrigues

Rogério Moreira Benevides – Mineiro, pai, músico e designer gráfico. Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela FAU PUC Campinas, ama arte desde sempre. A diagramação é uma paixão, por onde flui a vontade organizar o mundo. Escreve prosas e versos desde criança e na fotografia encontra seu jeito de observar o mundo, mesmo nos detalhes. "Sou só um grão de areia escorrendo pelas mãos do tempo." – Rogério Benevides

Lis Nasser - atriz, arte/educadora, diretora de cena, Contadora de Histórias, é feminista, pesquisadora das infâncias e mestra em Artes da Cena pela UNICAMP. Ama tudo que tem a ver com histórias, chocolate e estampa de bolinhas. Produz conteúdo, e administra o perfil @encomendaencantada e o canal no youtube "Encomenda Encantada! Histórias e Brincadeiras". Fez a contação do primeiro livro dessa trilogia, o "Ipoti - Amigos na Mata" e agora continua essa saga cheia de alegria!

PARA COLORIR



Dedico esta obra a todas as pessoas que lutam pelo direito dos povos originários do Brasil. Especialmente ao povo indígena, que vem sofrendo genocídio e apagamento da memória cultural da nossa gente desde 1500!